

## O ENSINO SIGNIFICATIVO DA MATEMÁTICA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS – EJA<sup>1</sup>

SANTOS, Ernestina Beatriz Gomes dos.<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estabelecer uma análise reflexiva sobre a atual realidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA, buscando problematizar nesta modalidade o conteúdo específico da Matemática Financeira nos moldes como este tem sido abordado no interior das salas de aula.

A EJA é um ensino desafiador e a aplicação de seus conteúdos nos exige compreender que esta modalidade de ensino requer uma aprendizagem significativa e expressiva na vida de alunos, que em sua maioria são trabalhadores, que por diversas razões não conseguiram concluir sua escolaridade e agora sentem a necessidade de terminar seus estudos objetivando participar mais efetivamente do mercado de trabalho, da vida social, política e cultural ou mesmo sentir-se pleno com sua escolarização e para isso a compreendemos que a transformação da prática educativa é essencial. É necessário olhar para a educação de jovens e adultos, buscando a compreensão de suas experiências e também necessidades.

Consideramos assim que os jovens e adultos que integram a EJA são sujeitos participativos e acessíveis a novos questionamentos e descobertas, que resignificam a aprendizagem dando relevância para a sua vivência no mundo do trabalho e também para a sua vida social, e que sendo motivados se tornam capazes de relacionar sua aprendizagem em sala de aula com seus conhecimentos e experiências, desenvolvendo assim a sua capacidade real de entender o mundo em que está inserido, tornando-se sujeito crítico e conhecedor dos seus direitos e deveres na esfera social em que está inserido.

**Palavras-chave:** EJA - Matemática significativa - Práticas educativas.

### INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se à educandos que ao longo de suas vivências não puderam concluir seus estudos na idade própria devido a fenômenos como: 1) a inserção precoce no mundo do trabalho diante da necessidade de compor a renda familiar; 2) por vezes devido à distância das escolas e a precariedade de acesso; 3) ou mesmo alunos mais jovens que por múltiplos fatores foram excluídos da escola. São estes os obstáculos que na presente pesquisa pretende-se analisar para pensarmos a EJA como nosso objeto de estudo.

Ao pensarmos os sujeitos da EJA nos tempos que correm, um dos fatores a serem considerados e analisados com mais primor foi o ambiente escolar que tornou-se

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em nível de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de EJA.

<sup>2</sup> Licenciada em Matemática, aluna integrante do Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em nível de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de EJA. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP); São Paulo; SP.  
[Bia16gomes@gmail.com](mailto:Bia16gomes@gmail.com); SANTOS, Ernestina Beatriz Gomes dos.

excludente por não estar preparado para acolher e dialogar com as heterogeneidades dos educandos, como por exemplo alunos que apresentam problemas de baixo desempenho escolar, acabam excluídos através da repetência ou da evasão escolar.

No contexto nacional a Educação de jovens e adultos se manteve entre as políticas públicas de forma mais incisiva a partir da Constituição de 1988 e a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, de 1996 quando a EJA foi legitimada como direito público subjetivos dos jovens, adultos e idosos que desejavam voltar aos estudos.

O ensino da EJA ainda se apresenta como um desafio principalmente devido às insuficientes políticas públicas que buscam atender ao mercado de trabalho e a competitividade desse mundo e como consequência há uma perda na formação integral desse sujeito como cidadão que tem direito a uma aprendizagem que não somente o qualifique para o mundo do trabalho, mas que permita e estimule sua participação social e política dentro do espaço em que ele está inserido.

Diante disso e pautados em discussões como Freire (2016), observamos que a escola precisa cumprir o seu papel de ambiente destinado a todos para que possam concluir seus estudos sendo esse ambiente favorável, acolhedor e adaptado as diversidades dos alunos, dentro do pensamento deste autor o importante na escola não é só estudar, mas é também criar laços de amizade e convivência e é sobre este pensamento que esta pesquisa tem se debruçado ao pensar a EJA.

Contudo, ao analisarmos o ensino da Matemática Financeira que é oferecido pela EJA, nos deparamos com um ensino distante da realidade do aluno, fato que provocou uma série de questionamentos e críticas que surgiram ao nos deparemos com informações descontextualizadas e conteúdos repetitivos que abrangem fórmulas matemáticas sem significados e distante da real necessidade desse aluno da EJA.

A prática educativa é algo mais do que a expressão do ofício de professores, é algo que não lhes pertence por inteiro, mas um traço cultural compartilhado (...) o pensamento sobre a educação não pode ser explicado sem recorrer a outras esferas do pensamento e da cultura. As práticas educativas não podem ser compreendidas sem ver como outras práticas sociais projetam-se, incidem ou nelas provocam reações e mudanças (...) (2014, p.35).

É necessário que o educador proponha uma prática dentro da sala de aula que possa desenvolver nos educandos a criticidade e a autonomia necessária para que a educação seja transformadora. Paulo Freire (2006) em uma das suas principais obras questionou o ensino oferecido pela maioria das escolas, classificadas pelo autor como educação bancária, na qual consideramos estar também pautada esse modelo da matemática financeira que nos parece não dialogar com o mundo dos alunos da EJA. Dentro do pensamento de Freire, nesse tipo de escola que apenas transmite o conteúdo, o professor age como quem deposita conhecimento no aluno que é apenas receptivo, trata-se portanto de uma escola que aliena e não promove a emancipação e muito menos a libertação dos sujeitos.

Observa-se, então, que na concepção “bancária” da educação, a única margem de ação que se oferece aos educandos, que são considerados como tábuas rasas, é o depósitos de informações, sem haver o diálogo que consideramos tão importante para a emancipação e libertação do sujeito. Partilhamos assim, da proposta de Freire de que

aprender não é somente "acumular" conhecimentos e habilidades, mas mudar qualitativamente em relação a uma maneira de proceder, de pensar, de raciocinar, de se comunicar, de resolver problemas, de avaliar e autoavaliar-se.

Dentro desta reflexão e dialogando com a realidade do ensino de matemática, compreendemos que seja necessário repensar e reestruturar o ensino da Matemática na EJA, de maneira a torná-lo mais interessante aos jovens e/ou adultos, possibilitando assim que estes possam dialogar, refletir e que a proposta do ensino da Matemática seja inovador favorecendo uma ação que construa um conhecimento capaz de estabelecer vínculos entre a realidade dos educandos e os significados relacionados com essa vivência.

A aprendizagem da Matemática significativa deve considerar as soluções encontradas pelos alunos e incitar novas leituras e temas problematizadores, exigindo do processo de ensino/aprendizagem estabelecer conexões e diálogos com outras áreas de conhecimento, resultando assim na interdisciplinaridade na qual por vezes se é potencialmente capaz de mediar dificuldade como ler, analisar e interpretar um texto e/ou um problema matemático. Portanto, preparar e organizar aulas integrando e dialogando com outras disciplinas pode ser uma estratégia que privilegie e propicie um pensamento articulado resultando dessa maneira em uma rede de pensamentos relacionados com seu cotidiano.

Para pensadores desta modalidade de ensino como de Tomaz e David (2008) a interdisciplinaridade poderia ser alcançada quando os conhecimentos de várias disciplinas são utilizados para resolver um problema ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. O papel do professor, deve ser de provocador cognitivo, reduzindo a confusão e os conflitos, usando explicações e recursos que possam favorecer a construção coletiva dos conhecimentos.

## **METODOLOGIA**

Objetivando realizar um estudo quali-quantitativo até a presente etapa da pesquisa foi realizada um estudo bibliográfico, no qual buscou-se sustentação teórica, análise de experiência e sistematização de dados. Foram analisadas textos clássicos, bem como artigos publicados recentemente em sites que abordam o assunto aqui em análise.

## **RESULTADOS**

Ao analisarmos a trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é possível identificar avanços importantes na direção de seu reconhecimento como direito para um grupo plural de sujeitos que, por motivos diversos, não tiveram acesso, ou mesmo a possibilidade de permanência nos estudos.

Contudo, apesar de respeitáveis conquistas, é possível observar que a EJA continua transitando nas margens da educação, ocupando, na tradicional hierarquia que conduz o sistema educacional brasileiro, um lugar ainda restrito e de pouco valor. Sem dúvida a desvalorização da EJA pode e deve ser associado aos grupos aos quais esta atende, que já nela, transitam grupos e pessoas que carregam diferenças e especificidades e conflitos sociais, como negros, indígenas, pescadores, ribeirinhos, população do campo, mulheres, jovens, idosos, pessoas em privação de liberdade, com

necessidades educacionais especiais, povos tradicionais, populações de periferia urbana, sendo este majoritariamente trabalhadores com inserção precária no mercado.

Designados de forma genérica, são frequentemente pensados de forma idealizada pelos projetos educacionais e por seus agentes e por isso, faz-se importante questionarmos e reconhecermos as diferenças para a partir daí pensarmos em políticas públicas eficazes e que sejam, sobretudo, norteadas por abordagens pedagógicas que “caibam na vida desses sujeitos”.

## **DISCUSSÃO**

De acordo com a LDB a responsabilidade de direito é comum dos Estados e municípios e de maneira complementar pela União. No entanto a EJA foi preterida nos anos de 1990 para poder priorizar o acesso a educação na infância e na adolescência e dessa forma acabou enfrentando problemas, sobretudo, financeiros devido a sua exclusão do Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental - FUNDEB.

A partir de 2003 houve um olhar diferenciada para a EJA, sendo essa considerada como dívida social e também como fator prioritário dentro da Educação, neste ano o Ministério da Educação – MEC, lança portanto o Programa Brasil Alfabetizado - PBA , buscando atender jovens acima de 15 anos, adultos e idosos que ainda são analfabetos. Contudo no Brasil ainda existem 13,1 milhões de pessoas que não sabem ler nem escrever, portanto esse programa veio de encontro a tentar minimizar esse fato, tendo como base não somente o ato de aprender a ler e escrever, bem como o desenvolvimento da capacidade de compreensão, interpretação e produção de conhecimento para que esse jovem fosse estimulado a dar continuidade na sua formação em cursos da Educação de Jovens e adultos (EJA).

O Programa Brasil Alfabetizado, teria uma ação regional com curta duração e baixo custo, a ação desse programa recrutava alfabetizadores de maneira improvisada e recebendo uma reduzida ajuda de custo, pouca orientação e supervisão, sendo também responsáveis por inscrever e manter os alunos.

Em 2011 foi criado o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, tem por objetivo poder atender ao mercado de trabalho que procurava por mão de obra qualificada. O PRONATEC teve como principal novidade a bolsa-formação, com investimento do governo Federal para atender a oferta de cursos gratuitos de formação técnicas concomitantes ou subseqüentes ao ensino médio, e também atendendo o público da EJA. As políticas de reconhecimento e legitimidade da Educação de Jovens e Adultos ampliaram esse ensino atendendo não só o ensino fundamental, bem como o médio e profissional, desdobrando e alargando os direitos de jovens e adultos

## **CONCLUSÕES**

Conforme pensa o educador Paulo Freire (2016) mudar a educação é difícil, mas não é possível, e pautada nesta reflexão e na proposta e conceitos básicos de Freire, foi realizada na cidade de São Bernardo do Campo uma ação educativa para entender a real necessidade dos sujeitos que configuram os alunos da EJA. Seus questionamentos através de situações-limite, falas significativas, visão de mundo, valores, cultura e das suas vivências que constituem seu contexto de vida, traduziram os anseios e

expectativas dos educandos da EJA, tornando este capaz de se perceber e reafirmar na sociedade.

Através do levantamento dessas questões foi feita uma análise desses dados problematizando e aproximando a escola na vida desses sujeitos através de eixos norteadores como "Memória e Territorialidade", "Meio Ambiente e Saúde", "Linguagens e Cultura e Trabalho?", além desses temas que globalizam um sujeito interagindo com o meio social no qual ele está inserindo, houve também a preocupação de aprimorar seus conhecimentos e habilidades em matemática com enfoque na aplicação de temas relevantes que possibilitasse o aprimoramento de questões ligadas ao consumo do dia a dia, como também levantando dados e práticas que dizem respeito a inclusão e exclusão social que incluem essas práticas de consumo.

Nessa construção dialógica, educandos e educadores caminharam juntos, lado a lado norteando-se e organizando-se através de situações limite e das falas significativas que necessitavam de um olhar diferenciado que atendesse as reais expectativas desses sujeitos, nessa caminhada mediada pelo educador ficou evidenciado a real transformação desse sujeito, superando a barreira do senso comum para uma participação crítica e emancipadora, sendo portanto capaz de compreender o contexto histórico, político e social que ele faz parte estabelecendo uma relação de cumplicidade com sua vida social, seus interesses e perspectivas em relação a sua compreensão que implica em uma educação transformadora e desafiadora, favorecendo o desenvolvimento do sujeito como um ser globalizado, participativo e emancipado, estabelecendo um paralelo com o seu cotidiano e os eixos abordados no decorrer do curso descobrindo e ampliando o sentido da aprendizagem significativa e contextualizada com sua realidade desenvolvendo sua habilidade de raciocínio e pensamento criativo.

Diversos estudiosos que dedicam-se a pensar o mundo da EJA afirmam que o aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Nesse debate, ganha destaque também a importância da construção de uma institucionalidade da EJA, ou seja, de início ela precisa existir efetivamente, para que se possa pensar sobre a relevância de uma oferta qualificada de suas ações considerando as especificidades tanto dos territórios, quanto dos seus múltiplos e diversos sujeitos. Nessa perspectiva, é preciso agregar esforços com os poderes públicos de forma responsável e que tenha por objetivo garantir e efetivar tal oferta.

Contudo, ao pensarmos a EJA como nosso objeto de pesquisa nos cabe, então, a pergunta: será possível construir uma ação educativa que promova entre os seus sujeitos, redes de cooperação que garantam ações capazes de gerar oportunidades de inserção profissional, societária e cultural e também a participação no processo de gestão? Enquanto pesquisadores acreditamos que sim, contudo desde que esta tarefa integre gestores públicos e escolares, professores, estudantes, empresas, universidades e demais instituições sociais e comunidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] DI PIERRO, Maria Clara: **Perdemos 3,2 milhões de matrículas na Educação de Jovens e Adultos**. <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/06/maria-clara-di-pierro-perdemos-32-milhoes-de-matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos.html>
- [2] DI PIERRO, Maria Clara, HADDAD Sergio. Transformação nas políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacionais e internacionais. <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-96-00197>. Acesso em 15/10/2017.
- [3] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- [4] MIELE, Arthur Fernando; **O Ensino Criativo da Matemática no Ensino Médio**. São Paulo, abril de 2004.
- [5] PICONEZ, STELA C. BERTHOLO. **Reflexões pedagógicas sobre o ensino e aprendizagem de pessoas jovens e adultas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.
- [6] **Práticas Pedagógicas III, IV, V ; Vivências e Experiências em EJA**, Prefeitura de São Bernardo do Campo. 1ª edição : fevereiro de 2015.
- [7] SOUZA, GARCIA. Joamir Roberto de; Jacqueline da Silva Ribeiro. **Contato Matemática**. São Paulo: FTD, 2016
- [8] TOMAS, Vanessa; DAVID, Maria M. M. S. **Interdisciplinaridade e aprendizagem da matemática em sala de aula**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.